

4

A missão do Espírito Santo a partir da “Teologia da Esperança” de Jürgen Moltmann

Neste capítulo será analisada a relação que Moltmann desenvolve entre a Pneumatologia e a Escatologia. Buscaremos, a partir da a Escatologia que ele fomenta em sua “Teologia da Esperança”, o desenvolvimento dos aspectos inovadores que ele apresenta em sua Pneumatologia: o Espírito santo é compreendido como Aquele que é a fonte da vida, a força da ressurreição de Jesus e o guardião da esperança cristã.

Jürgen Moltmann em seu primeiro livro de grande alcance, a Teologia da Esperança, não abordou de maneira significativa a questão do Espírito Santo deixando, como já mencionamos no segundo capítulo, uma incógnita sobre a questão do Espírito Santo ser ou não uma pessoa da Trindade tal como o Filho e o Pai. Essa ausência é compreendida ao ser considerado o contexto de toda obra e o que se buscava com ela. O autor, nitidamente preocupado em levantar as bases para uma nova forma de ler o tratado da Escatologia, se dedica às questões conceituais que fogem do arcabouço pneumatológico. Entretanto, ainda nesse primeiro momento, já é possível perceber de forma “embrionária” seu modelo inovador de conceber uma relação entre os dois tratados teológicos, Pneumatologia e Escatologia.

A Pneumatologia e Escatologia, na linha da história da teologia, são tratados teológicos que, durante um momento histórico, principalmente o primeiro milênio da era cristã, foram pensados a partir de perspectivas que contemplavam apenas alguns de seus aspectos. Na Escatologia, por exemplo, durante muitos séculos se privilegiou uma leitura que paulatinamente deslocou a reflexão para uma abordagem que enfocava o destino escatológico do indivíduo.¹

As principais questões giravam em torno de questões relacionadas aos acontecimentos de precediam a morte. A imortalidade da alma, ressurreição dos mortos, inferno e purgatório ganharam escritos que se dedicavam em explica-las com finalidade de cristalizar a fé da Igreja².

¹ ANCONA, G. **Escatologia cristã**. São Paulo: Loyola, 2013, p.132.

² *Ibid.*, pp.133-158.

O Espírito Santo, em contrapartida, terá sua teologia sobre sua divindade bem desenvolvida nos primeiros séculos da teologia patrística. A lacuna maior será produzida no decorrer dos séculos, sendo possível identificar textos pneumatológicos que buscavam fazer, em boa parte das vezes, uma articulação entre Espírito Santo e os tratados da teologia. Mesmo que contribuam para um aprofundamento cada vez maior sobre a relação entre temas como Cristologia, pneumatologia e eclesiologia, esses avanços ainda não abordavam questões que abarcavam os aspectos existentes entre o Espírito Santo e a Escatologia cristã. A partir disso, surge nossa percepção de que J. Moltmann seja um dos teólogos que de maneira sistemática, apesar de não ser sua motivação desenvolver um tratado sistemático, a aproximar de forma mais densa a Pneumatologia e Escatologia.

Em um primeiro momento do capítulo iremos fazer uma investigação sobre a origem, principais fundamentos e influências da Teologia da Esperança de Jurgen Moltmann. Aprofundaremos as questões que já foram introduzidas no segundo capítulo. Na segunda parte, depois de termos desenvolvido o pensamento escatológico de J. Moltmann em sua primeira obra, indicaremos a partir de uma abordagem sistemática os principais aspectos da missão do Espírito Santo a partir da “Teologia da Esperança”.

4.1

Principais tendências de interpretação da Escatologia

Durante um longo período histórico a escatologia foi alocada como último tema dos tratados teológicos e, além disso, ser desenvolvida com um caráter que enfatizava uma teologia sobre deficitária, isto é: uma reflexão teológica que buscou desenvolver alguns aspectos relacionados ao tema, nos quais eram desenvolvidos com maior ênfase e profundidade textual e enfatizando, em maioria das vezes, os aspectos relacionados ao tempo que se seguirá após a morte.

O final do século XIX e início do XX foi o momento histórico que uma redescoberta dos temas escatológicos como elementos importantes para toda a teologia em geral. Em tendência foi iniciada com a retomada das pesquisas relacionados a Jesus, contexto histórico e religioso do Novo Testamento. O

resultado desse retorno à Escatologia foi o crescimento de reflexões teológicas interessadas em recuperar o estudo da Escatologia fazendo releituras a partir de tratados tradicionalmente reconhecido e de interpretações inovadoras.

4.1.1 Escatologia histórica e transcendental

O surgimento de trabalhos teológicos voltados para uma pesquisa sobre o Jesus histórico desencadeou uma recuperação do contexto religioso que ele estava inserido durante os anos que atuou como messias. Essas análises do ambiente histórico apontaram para um dado: o Jesus histórico exerceu seu ministério tendo como principal orientação a irrupção do reino de Deus.

As pesquisas que dedicavam-se em fazer o trabalho de recomposição do ambiente histórico que Jesus viveu e desenvolveu seu ministério público influenciou o início da valorização da história pela teologia. Nesses trabalhos foi expressada a ideia de que as expectativas que Jesus, e mais tarde as primeiras comunidades cristãs desenvolveram por causa do ambiente religioso do judaísmo, não se cumpriram.

Entre os teólogos que construíram reflexões desejando aprofundar a questão da história e as expectativas apocalípticas, destacamos as concepções dos teólogos Oscar Cullmann e Albert Schweitzer. Ambos destacaram a questão do relacionamento entre Jesus e suas expectativas escatológicas como parte importante na sua vida. Apesar de pensarem e escreverem sobre o mesmo tema, diferenças podem ser notadas entre suas conclusões. Para Albert Schweitzer, a falta de um cumprimento da esperança de que o mundo iria acabar com a chegada definitiva do Reino de Deus faz com que a história fique aberta, sem uma perspectiva de final como a religião de Jesus desenvolveu. Em contrapartida, Oscar Cullmann não acredita que com Jesus o fim do presente começou, mas pensa que com a chegada de Jesus o tempo, a história é modificada e transformada. J. Moltmann seguirá outro caminho, tendo os dois teólogos como referência, mas compreendendo a relação de Jesus com história diferenciada. Em outro momento iremos fazer um aprofundamento melhor sobre esse tema central de sua teologia.

4.2

A Teologia da Esperança

Jurgen Moltmann não desejou desenvolver sua Teologia da Esperança com objetivos maiores do que apresentar um trabalho que contribuísse com os debates sobre escatologia e fé cristã, que emergiam do contexto específico já mencionado. Ele deseja apresentar os principais problemas que encontrou na compreensão da escatologia em seu tempo. Para isso, escreveu apontando cada equívoco, seguindo com uma proposta inovadora de perceber a escatologia como tema central do cristianismo. Segundo Cesar Kuzma, a proposta de J. Moltmann é fazer uma reorganização dos temas teológicos tendo a esperança como chave hermenêutica de sua reflexão.³

A Escatologia que é formulada a partir da esperança deseja resgatar a importância que as promessas escatológicas de Deus devem desempenhar no presente. Ou seja: J. Moltmann elabora uma teologia que aproxima as esperanças futuras do presente que as pessoas vivem enquanto homens e mulheres inseridos em um contexto histórico definido.⁴

A inovações que J. Moltmann desenvolve em sua Teologia da Esperança nasceram de inquietações promovidas por sua leitura do, já mencionado, Ernst Bloch. Segundo Hans-Georg, a Teologia da Esperança se destacará de outras obras teológicas pela concepção de um cristianismo essencialmente escatológico e pela fundamentação da esperança cristã na ressurreição de Jesus.

Para isso, J. Moltmann identificará no êxodo e na ressurreição de Jesus as bases que asseguram o cumprimento das promessas de Deus. Com o êxodo, ele deseja evidenciar que Deus é aquele que promete e ele mesmo garante que sua promessa será cumprida. Com a ressurreição de Jesus, Deus demonstra que pode transfor aspectos negativos abrindo o futuro⁵ para uma nova vida em comunhão

³ KUZMA, C. **O futuro de Deus na missão da esperança**. Uma aproximação escatológica. São Paulo: Paulinas, 2014, p. 247.

⁴ BECK, T. **The Holy Spirit and the renewal of all things**. Pneumatology in Paul and Jürgen Moltmann. Cabridge: James Clarke e Co., 2010, p. 126.

⁵ Segundo Rosino Gibellini, o futuro escatológico é radical e universal “ universal: Não o futuro histórico específico de um povo, e sim um futuro que se estende a todos os povos; radical: um futuro não apenas em termos de vitória sobre a fome e a pobreza, sobre a humilhação e as ofensas, sobre as guerras e sobre o politeísmo, e sim um futuro que se estende - como um non plus ultra, como um novum ultimum - para além do que se considera o extremo do limite da existência: um

com Deus. O fato de Deus cumprir sua promessa por meio da ressurreição, garante a todos aqueles que esperam pela ação de Deus a certeza de que os dramas da vida serão banidos definitivamente no futuro com Deus. Essa esperança, entretanto, não produz nos cristãos um sentimento de total alívio. Pelo contrário, a esperança cristã provoca no cristão uma tensão entre a vida futura que lhe foi prometida e o presente. Segundo ele, “quem espera em Cristo não pode mais se contentar com a realidade dada, mas começa a sofrer devido a ela, começa a contradizê-la”⁶. A esperança que a ressurreição desperta, portanto, insere o homem dentro de uma tensão escatológica que o impulsiona a viver o seu presente, com seus dramas e contradições⁷, orientado pelo futuro que o aguarda, para isso o Espírito Santo faz com que as promessas escatológicas possam ser sentidas, parcialmente, levando o cristão a perceber que a sua realidade histórica⁸ deve ser transformada a partir das promessas que ele consegue experimentar no Espírito Santo.

A esperança cristã é a confiança de que Deus irá trazer para a história dos homens, sempre algo de novo. Esse novo que a Igreja espera, e não pode de fato saber do que se trata ou construir a partir de atividade humana, implica na contradição entre o real e o futuro que não se pode ainda ver, pois o futuro sempre será um novo que não pode ser mensurado, gera uma inquietude no coração da Igreja cristã diante dos problemas que a sociedade em que está inserida. Ela é desafiada a engajar-se em ações concretas para que o futuro que experimenta seja, também, sentido parcialmente por todos os homens. Assim, ela deve ser o sinal do Reino vindouro, agindo para promover a paz e o amor entre os homens. A imagem do Reino que ela detém por meio da promessa é responsável por mantê-la sempre inconformada⁹, o que sempre o colocará em um movimento de constante busca por transformação do presente. Ao destacar essa contradição J. Moltmann deseja evidenciar a contradição que existe entre o futuro escatológico e a realidade

futuro para além da morte. Cf. GIBELLINI, R. **Teologia do século XX**. São Paulo: Loyola, 2012, p.283.

⁶ MOLTSMANN, J. **Teologia da Esperança**. São Paulo: Herder, 1971, p. 343.

⁷ Essa contradição se encontra no tema subjacente desenvolvido por J. Moltmann dentro dos seus dois livros “Teologia da Esperança e “O Deus crucificado”. O presente, assim sendo, é para o futuro o que a cruz é para a ressurreição. Esse presente de sofrimento só poderá ser superado pela ação do próprio Deus que vem em direção da humanidade por meio de seu Filho.

⁸ Cf. MOLTSMANN, J. **Teologia da Esperança**. São Paulo: Herder, 1971, pp.246-248.

histórica que os homens experimentam. Essas diferenças devem ajudar a igreja a perceber que as contradições existentes devem ser objetivo da ação da Igreja enquanto portadora a mensagem de que o Reino de Deus irrompeu na história humana. Isso só pode ser desenvolvido a partir da ação do Espírito Santo, que faz com que as promessas escatológicas sejam antecipadas na vida da Igreja. Com isso, é possível dizer que o futuro atinge o presente pela ação dos cristãos no mundo¹⁰. A esperança, portanto, não deve fazer com que a Igreja caminhe para o futuro com Deus sem perceber e sentir os dramas da humanidade. Apesar de ser peregrina, ela caminha dentro de uma realidade história e, por isso, deve transformá-la.

4.2.1 Os fundamentos da Teologia da Esperança

O primeiro o aspecto que desejamos elucidar sobre a Teologia da Esperança é o seu caráter Cristológico¹¹, ou, em outros termos: o fato da ressurreição de Jesus ser o fundamento para a esperança cristã. A ação de acreditar na ressurreição descoloca o cristão para uma perspectiva diferente da que experimentava antes do surgimento de sua fé no ressuscitado. Agora, com a certeza de que as promessas de Deus vão se cumprir, toda a sua vida ganha o futuro com Deus como orientação última.

O futuro de Deus é o objetivo final da Igreja, e por isso ela se move a partir desse anseio. Esse futuro é projeto dentro da história, mas ele ainda, por ser novidade divina, ultrapassa a história dos homens. Essa nova realidade da Igreja a

¹⁰ A ideia de que os cristãos têm uma função importante que deve ser desempenhada dentro da sociedade que estão inseridos também foi fomentada pelo Concílio Vaticano II. Isso pode ser percebido com maior clareza na CONSTITUIÇÃO PASTORAL GAUDIUM ET SPES, que desenvolve os aspectos da missão da Igreja na sociedade. Cf CONCÍLIO VATICANO II. **CONSTITUIÇÃO PASTORAL GAUDIUM ET SPES**, In: **Compêndio do Vaticano II**. Constituições, decretos e declarações. Petrópolis: Vozes, 198, pp.148-256.

¹¹ Para J. Moltmann, apenas investigação sobre a relação entre Jesus e Escatologia pode resgatar a leitura da Escatologia a partir da Cristologia. Isso se traduz por meio de suas palavras da seguinte maneira: “O lastimável divórcio da fé em Cristo e a esperança futura pode ser resolvido por um Cristologia escatológica que leve a uma escatologia cristológica. Isso significa: percebermos a Jesus como Cristo em esperança recordada.” Cf. MOLTSMANN, J. **O caminho de Jesus Cristo**. Cristologia em dimensões messiânicas. São Paulo: Academia cristã, 2014, p.25.

possibilidade uma leitura da história¹² tendo o futuro como ferramenta hermenêutica. É a partir disso, como já mencionamos, que a Igreja durante sua caminhada dentro da história estará experimentando a contradição entre o futuro com Deus e a realidade história.

Segundo Ryan A. Neal, a categoria de futuro é importante para compreender a proposta que J. Moltmann desenvolve quando afirma que Jesus é antecipação de um futuro escatológico. O teólogo alemão, desenvolve sua concepção de futuro diferenciando o futuro escatológico daquele que é gerado pelo progresso esperado como desenvolvimento da história. Segundo, ele, a diferença entre o futuro escatológico e o futuro como resultado do progresso da história reside no fato de que o futuro de Deus, aquele antecipado por Jesus, só é possível a partir da ação do próprio Deus que nasce da história extrapolada, isso é, nem presente, nem futuro, mas algo totalmente novo que ultrapassa aquilo que os homens podem esperar.¹³ Outras duas categorias importantes para J. Moltmann é a de Novum e de advento. A ideia de advento salienta que nada pode ser feito na criação sem que parta de uma iniciativa divina. Como exemplo, podemos pensar na vinda de Cristo, que ao chegar modifica toda a história e seu futuro. O novum, comunica a ideia de que o Deus que vem, em Jesus Cristo, caminha em direção da humanidade para trazer um novum que ela não esperava, apesar de experimentá-lo de maneira parcial.

Essa condição vai gerar uma verdadeira insatisfação com os problemas sócias, políticos e econômicos que são sentidos por um número grande de pessoas. Essa contradição, entretanto, não é sentida de forma passiva, pelo contrário, a esperança que gera inquietude também gera o agir transformador. O futuro cheio de promessas incide no presente sem perder suas características de ser o futuro de Deus. Ele faz com que a realidade presente seja transformada pelo o seu próprio futuro que é sentido no Espírito Santo¹⁴. Sobre isso, J. Motmann comenta da seguinte forma:

¹² Ele compreenderá a história humana como uma missão. A partir do horizonte da expectativa escatológica da ressurreição e o advento definitivo do Reino de Deus, os homens são levados a ver na história as múltiplas possibilidades de transformação a partir da esperança que nutrem no Espírito Santo. Cf. MOLTSMANN, J. **Vida, esperança e justiça**. Um testamento teológico para América Latina. São Bernardo do Campo: Editeo, 2008, p.32.

¹³ Cf. NEAL, R. **Theology of hope**. On the ground and the implications of a christian eschatology. Eugene: Pickwick, 2008, pp.52-54.

¹⁴ Cf. MOLTSMANN, J. **Ética da esperança**. Petrópolis: Vozes, 2012, p.54.

O fato de não nos satisfazer, o fato de entre nós e as coisas da realidade não existir harmonia amigável é fruto de uma esperança inextinguível. Esta mantém o ser humano insatisfeito até o grande cumprimento de todas as promessas de Deus. Ela o mantém no status viatoris, naquela abertura para o mundo futuro, a qual, pelo fato de ter sido produzida pela promessa de Deus na ressurreição de Cristo, não pode cessar por nada, a não ser pelo cumprimento por parte do mesmo Deus¹⁵

Essa contradição já se encontra nos temas desenvolvido por J. Moltmann nos livros “Teologia da Esperança e “O Deus crucificado”. O presente, assim sendo, é para o futuro o que a cruz é para a ressurreição. Esse presente de sofrimento só poderá ser superado pela ação do próprio Deus que vem em direção a humanidade.

A Igreja, sendo assim, espera ser encontrada por Deus assim como Jesus na ressurreição. Essa espera é sempre construída por novos impulsos que movem a Igreja a desempenhar uma função profética de apontar os erros da sociedade e também anunciar Jesus Cristo.

A esperança que a Igreja experimenta no Espírito Santo, por ser esperança nas promessas de Deus que contradiz a atual realidade da humanidade, faz emergir nos cristãos o sentimento de que não estão completos, plenamente satisfeitos. Portanto, não é possível que haja entre o cristianismo e presente uma relação sem grandes conflitos. O fato de experimentar as promessas de Deus de maneira parcial, faz com que essa relação seja em todo momento cheia de tensões. O cristão sempre encontrará na realidade histórica que vive aspectos que devem ser transformados a partir das promessas que já experimenta e que na esperança fundamentada em Jesus, espera sentir plenamente.

Essa condição que a Igreja vive só é possível a partir da ressurreição de Jesus, que é confirmação de que o Pai aprovou todo o ministério terreno do seu Filho. A partir desse momento iremos desenvolver o tema da ressurreição com maior profundidade.

¹⁵ MOLTSMANN, J. **Teologia da Esperança**. São Paulo: Heder, 1975, p. 37

4.2.1.1

A ressurreição de Jesus Cristo, o fundamento da esperança cristã

A ressurreição de Jesus Cristo, para J. Moltmann, não deve ser compreendida como um fato histórico que, após surgir na história, se fechou. Ele concebe a ressurreição como um evento que deve ser verificado no futuro, isto é: mesmo tendo acontecido em momento histórico específico ela só será compreendida plenamente no futuro.

A relação entre a esperança e a ressurreição é fundamental no pensamento de J. Moltmann. Para ele, a ressurreição de Jesus é elementar para que as promessas de Deus sejam confiáveis no sentido de que sempre aquilo que prometeu, o que é confirmado com a ressurreição do Filho. As promessas que Deus fez ao seu povo, no Antigo Testamento, são confirmadas e cumpridas no Novo Testamento por meio de Jesus, mas elas não estão fechadas, pelo contrário, em Jesus essas promessas ganham novo significado e uma maior amplitude¹⁶. Segundo J. Moltmann, “a promessa encontra no evangelho seu futuro escatológico, enquanto a lei encontra seu fim”.¹⁷

A ressurreição de Jesus apresenta aos homens o sentimento de “ainda não”, que é gerado pela percepção de que a morte ainda reina sobre toda a humanidade¹⁸. A ressurreição não utiliza a linguagem dos fatos consumados, antes se expressa pela linguagem da fé, da esperança que reside na ressurreição como objeto da fé cristã.¹⁹

A contradição entre o ressuscitado e os homens desperta a humanidade para a contradição entre realidade vivida e o futuro aguardado. Os homens, ainda, são corruptíveis e não estão em plena comunhão com Deus. Jesus antecipa com sua ressurreição o futuro de que os homens aguardam, a saber transformação total do ser.

¹⁶ KUZMA, C. **O futuro de Deus na missão da esperança**. São Paulo, Paulinas, 2014, p. 120

¹⁷ MOLTSMANN, J. **Teologia da Esperança**. São Paulo: Heder, 1975, p. 196

¹⁸ Para J. Moltmann, a necessidade da ressurreição ser verificada a partir da ressurreição de todos os homens leva os cristãos permanecerem inseridos na esperança de que no final Deus revelará que de fato Jesus ressuscitou e aos homens também foi garantido essa ação de poder. Cf MOLTSMANN, J. **O caminho de Jesus Cristo**. Cristologia em dimensões messiânicas. São Paulo: Academia cristã, 2014, p.336.

¹⁹ *Ibid.*, p.337.

Em Jesus, também, a humanidade entra em contato com o Deus de Israel, uma vez que o Filho assume o ministério do Messias prometido, ele é responsável por alargar as fronteiras da revelação delimitadas entorno do Povo. Agora, Deus é apresentado à toda humanidade como o Aquele que ressuscitou Jesus e, agora, se abre para todos os homens²⁰.

Em Jesus Cristo, o Deus de Israel revelou-se como o Deus de todos os seres humanos. O caminho vai assim do concretum para o concretum universale, e não vice-versa. É nessa linha que a teologia cristã tem de refletir. Em Jesus, não se tornou concreta uma verdade universal, mas o evento concreto, único, histórico, da crucifixão e ressurreição de Jesus por Javé, o Deus da promessa, que do nada cria o ser, torna-se universal por meio do horizonte universal e escatológico que anuncia²¹

A revelação de Deus por meio de Jesus Cristo faz com que os homens consigam observar que o Senhor²² de Israel agora é acessível a todos aqueles que querem se encontrar com ele. O Deus que vive na eternidade, “agora pisa no chão da história”, valorizando a história como o lugar que a salvação acontece. A história, com a encarnação do Filho, é plasmada pelo divino, que vem em direção aos homens com o desejo de que ela seja transformada, ultrapassada com sua glorificação. J. Moltmann intenta em fazer uma releitura da Cristologia, resgatando as promessas do Antigo Testamento como elemento importante para a reflexão sobre Jesus e sua relação com as promessas que Deus fez à Israel. Seu desejo é que as promessas de Deus sejam lidas a partir da ação história de Jesus de Nazaré. Ele expressa essa sua ideia da seguinte maneira:

A primeira afirmação significa que o deus que se revela em Jesus deve ser pensado como o Deus do Antigo Testamento; isto é, como o Deus do êxodo e da promessa, o Deus que tem o “futuro como propriedade do ser”, o qual, portanto, mesmo em suas qualidades, não pode ser identificado com a ideia grega de Deus, nem com a “eterna presença” do ser de Parmênides [...] Em Jesus Cristo, o Deus de Israel revelou-se como o Deus de todos os seres humanos.²³

²⁰ Esse futuro não afeta apenas os homens do presente, que estão vivos e podem sentir os efeitos das promessas antecipadas em Jesus. Segundo J. Moltmann, ele também influencia o passado daqueles que estão no campo dos mortos. A esperança, assim, é para vivos e aqueles que passaram em Deus Cf MOLTSMANN, J. **O Deus crucificado**. A cruz de Cristo como base e crítica da teologia cristã. Santo André: Academia Cristã, 2014, p.203.

²¹ MOLTSMANN, J. **Teologia da esperança**. São Paulo: Herder, 1975, p. 184.

²² Usaremos nesse trecho senhor como sinônimo para Deus.

²³ MOLTSMANN, J. **Teologia da esperança**. São Paulo: Herder, 1975, p. 184.

Além de ser a revelação de um Deus que prometeu ao seu povo e agora também promete à toda humanidade, Jesus revela a imagem ideal para a humanidade. Na pessoa histórica de Jesus de Nazaré, por meio de suas palavras e ações, reside um ideal para o caminho que os homens devem percorrer para se aproximarem da imagem que o Pai deseja²⁴. Além disso, na ressurreição, Cristo antecipa em seu próprio ser a imagem do homem completo, plenamente em comunhão com Deus e sua vontade.²⁵

As promessas que Deus fez ao seu povo no Antigo Testamento ganham seu cumprimento e novo significado no ministério terreno de Jesus de Nazaré e, também, com sua ressurreição. Com a ressurreição, “as promessas apresentam uma situação de continuidade e uma situação de descontinuidade. Como continuidade compreende-se o evangelho como cumprimento da história anterior. ‘A fé cristã se fundamenta na história, está em meio à história e confia na história’. Na descontinuidade a história é retirada do horizonte iluminado pela promessa para que seja levada ao horizonte da lei. Dessa forma, fé e história não se pertencem”²⁶

As promessas recebem em Jesus uma amplitude maior do que era possível ser percebido no Antigo Testamento. Não se trata apenas de um único povo ou apenas para aspectos históricos, em Jesus, Deus promete à toda humanidade que na ressurreição do Seu Filho os homens podem encontrar a garantia do cumprimento do que foi prometido.

O tema da promessa é importante para a compreensão da ressurreição como fundamento para se esperar pela ação do “Deus que promete”. A fé dos discípulos na ressurreição de Jesus é o elemento que possibilita a entender que ela, a ressurreição, não se fecha com Cristo. A ressurreição de Jesus é o início, a antecipação, da ressurreição futura de todos os homens e da nova criação. Pelo Espírito Santo, os homens são direcionados por essa promessa a anunciarem Jesus

²⁴ Wolfhart Pannenberg, compreende Jesus, sua vida terrena e ressurreição, em uma perspectiva paulina, apresentando-o como o novo Adão enviado para ser o modelo ideal para os homens. Cf. PANNENBERG, W. **Teologia Sistemática**, V.2. Santo André: Academia cristã; São Paulo: Paulus, 2009, pp. 432-434.

²⁵ Segundo Wolfhart Pannenberg, “Jesus é o protótipo de uma humanidade a ser renovada segundo a sua imagem, a saber, por meio de participação em sua obediência, em seu morrer e sua ressurreição” Cf PANNENBERG, W. **Teologia Sistemática**, V.2. Santo André: Academia cristã; São Paulo: Paulus, 2009, p.432.

²⁶ Cf. KUZMA, C. **O futuro de Deus na missão da esperança**. Uma aproximação escatológica. São Paulo:Paulinas, 2014, p. 12.

como meta de toda humanidade. A missão da Igreja é proclamar à toda humanidade que em Jesus ela encontrará o sentido que tanto busca.

A questão da sua historicidade não é o tema central para a esperança que depositam na ressurreição, segundo J. Moltmann, “a questão histórica sobre a realidade da ressurreição de Jesus não é apresentada nos textos bíblicos unicamente com um componente de realismo histórico, mas dentro de um horizonte de experiência e sentido de história”.²⁷ Ela deve ser compreendida à luz da expectativa escatológica que os próprios judeus viviam no período histórico que Jesus foi ressuscitado. Os judeus esperavam a ressurreição como indício do fim do tempo e era restrita, em alguns casos, à apenas os homens considerados justos e aqueles que foram considerados heróis do povo²⁸, mas Jesus Cristo ultrapassa todas expectativas geradas pela apocalíptica judaica de apenas um retorno a vida. A ressurreição do Cristo não significa apenas o retorno da vida ao corpo que experimentou a morte, ela é a antecipação do futuro com Deus em uma “vida nova e escatológica.”²⁹

Não é possível desassociar a ressurreição da experiência daqueles que a testemunharam³⁰, ela influencia e gera uma nova experiência na vida dos discípulos: aqueles que conheceram o Jesus, o messias crucificado, agora contemplam Jesus em glória³¹.

Essa nova experiência promove na vida dos discípulos que se encontravam abatidos pela morte do seu mestre uma transformação de grande proporção. Os encontros com o ressuscitado fazem emergir naqueles que o seguia um novo

²⁷ MOLTSMANN, J. **Teologia da Esperança**. São Paulo: Herder, 1971, p. 224.

²⁸ Cf. PANNENBERG, W. **Teologia Sistemática**, V.2. Santo André: Academia cristã; São Paulo: Paulus, 2009, pp.489-490.

²⁹ Cf. *Ibid.*, p.490.

³⁰ O horizonte cultural e religioso que os discípulos viviam possibilitou a eles a certeza de que nas aparições de Jesus Cristo ressuscitado aquilo que já esperavam era confirmado, a saber a ressurreição dos homens justos. Se Jesus ressuscitou era o sinal de que Deus confirmou suas ações e palavras. Cf. PANNENBERG, W. **Teologia Sistemática**, V.2. Santo André: Academia cristã; São Paulo: Paulus, 2009, pp.490-493; MOLTSMANN, J. **O caminho de Jesus Cristo**. Cristologia em dimensões messiânicas. São Paulo: Academia cristã, 2014, p.334. O contexto da ressurreição de Jesus é responsável por ajudar a recepção do fato de que Deus resgatou Jesus da Morte. O Deus que ressuscitou Jesus é o Deus de Israel, aquele que no Antigo Testamento fez promessas ao seu povo, abrindo a sua história para o novo que extrapola o que é esperado. As promessas feitas à Israel são por meio de da ressurreição de Jesus elevadas à categoria de promessa escatológica, o lugar que até a morte é totalmente superada pela ação divina. Cf BAUCKHAM, R. **Theology of Jurgen Moltmann**. London: T&T Clark, 1995, p.33.

³¹ Cf MOLTSMANN, J. **O caminho de Jesus Cristo**. Cristologia em dimensões messiânicas. São Paulo: Academia cristã, 2014, p.332.

propósito de vida: agora se percebem como enviados ao mundo para anunciar uma mensagem como apóstolos.³²

Para J. Moltmann “a ressurreição de Cristo não significa uma possibilidade do mundo e de sua história, mas uma nova possibilidade de mundo, de existência e de história em sua totalidade. [...] Pela ressurreição de Cristo não se entende um processo possível dentro da história universal, mas uma realidade escatológica da história universal.”³³

A realidade, a história, é convidada pela ressurreição a se abrir ao futuro escatológico com Deus, isto é: a ressurreição não é o futuro do passado apenas, ela é a nova orientação que o passado recebe na antecipação escatológica realizada por Jesus. Esse futuro que já pode ser percebido na vida de Jesus, não é uma repetição do seu ministério como Messias escolhido, mas é futuro com possibilidades sempre novas e renováveis. Com ela, rompe-se o negativo que a morte trouxe à humanidade³⁴. Os homens agora podem ter a esperança de que a morte não é o fim pois a partir da ressurreição de Jesus ela é interpretada por meio de uma nova perspectiva. Rer os fatos do cotidiano à luz da ressurreição de Cristo insere o cristão dentro de um quadro de expectativa pela intervenção divina. A ressurreição comprova que os momentos de aflição, ou que produzem o sentimento de fim, são dissipados por Deus e suas promessas.

A esperança cristã não se orienta para outro a não ser para o Cristo já vindo, mas dele ela espera algo de novo, algo que até agora não aconteceu; espera o cumprimento e a realização da justiça de Deus prometida em todas as coisas; espera o cumprimento e a realização da ressurreição dos mortos, prometida em sua própria ressurreição; espera o cumprimento e a realização do senhorio do crucificado sobre tudo e que foi prometido em sua exaltação³⁵

A ressurreição revela o que havia oculto durante os momentos da crucificação. Ela abre o futuro para que a humanidade contemple, no corpo do

³² Cf MOLTSMANN, J. **O caminho de Jesus Cristo**. Cristologia em dimensões messiânicas. São Paulo: Academia cristã, 2014, p.333

³³ MOLTSMANN, J. **Teologia da esperança**. São Paulo: Herder, 1971, p. 230.

³⁴ Orazio Piazza, sobre a ressurreição de Jesus como agir inesperado de Deus, comenta: “A ressurreição aconteceu quando a todas as possibilidades de vida estavam definitivamente esgotadas, quando a esperança tão esperada, de fato, tinha ficado sem resposta. A ressurreição não foi o efeito natural do Gólgota. Pelo contrário, ela irrompeu no túmulo, na morte declarada definitiva, como uma realidade totalmente inesperada, repentina e inimaginável, como uma resposta livre e como última palavra pronunciada por Deus nos confrontos da esperança daquele que foi crucificado e sepultado. Cf. PIAZZA, O. **A esperança**. Lógica do impossível. São Paulo: Paulinas, 2004, pp.60-61.

³⁵ MOLTSMANN, J. **Teologia da esperança**. São Paulo: Herder, 1971, p. 287

ressuscitado, as promessas de Deus sendo cumpridas. A história que é aberta possui no horizonte escatológico um novo propósito: a vinda de Deus para recriar todas as coisas e fazer de toda criação a sua morada eterna.

A Igreja que experimenta a novidade de vida em Jesus orienta toda a sua ação a partir das promessas que no Espírito Santo são possíveis de serem sentidas. A ressurreição, portanto, é o fundamento para que a esperança cristã nasça e se consolide no coração dos cristãos renovados pelo poder do Espírito Santo.

A partir disso, como já indicamos, emerge uma contradição: a realidade histórica que, do mesmo jeito que na crucificação, representa o negativo que ainda precisa ser vencido e transformado, e a ressurreição que é para a Igreja o futuro com Deus que guia para uma nova vida.³⁶ Os sofrimentos do presente que antes da ressurreição só poderiam ser lidos pela “lente do desespero” agora podem ser interpretados não como um fim neles mesmo, mas como a possibilidade de transformação.

4.3

O Espírito Santo na era escatológica

A função do Espírito Santo foi ganhando maior expressão e importância na teologia de J. Moltmann progressivamente a cada novo título de livro lançado. A terceira pessoa da trindade, entretanto, não possui uma grande ênfase em seu primeiro livro de maior expressão, a “Teologia da Esperança”. Sua teologia possui temas que são abordados desde o início de sua trajetória teológica, com menor ou maior ênfase, mas sempre em um movimento de aprofundamento e releituras. A ressurreição, a cruz e o futuro escatológico inaugurado por Jesus são os objetos que receberam maior dedicação nos escritos de J. Moltmann, porém esse fato não significa, todavia, que o Espírito Santo não tenha sua importância devidamente reconhecida por ele, principalmente quando a ressurreição é o objeto de sua reflexão.

³⁶ J. Moltmann compreende a a crucificação e ressurreição como eventos que se completam. O crucificado que experimenta em sua carne o juízo de Deus é o mesmo que, ao ser ressuscitado, é a garantia de que todos os homens poderão sentir a justiça de Deus. Cf. MOLTSMANN, J. **O caminho de Jesus Cristo**. Cristologia em dimensões messiânicas. São Paulo: Academia cristã, 2014, p.339.

O centro cristológico, messiânico, da esperança cristã não faz com que J. Moltmann dedique-se em apenas a esse tema, isolando todos os outros. Mesmo que a ressurreição seja o fundamento e garantia da esperança escatológica na Teologia da Esperança, o livro que ele faz as primeiras reflexões sobre o tema de modo mais sistemático, o teólogo alemão desenvolve sua teologia fazendo articulações com outros temas que são importantes para se compreender a era escatológica iniciada pela ressurreição de Jesus, o Cristo.

A função que o Espírito Santo desenvolve na Escatologia que J. Moltmann pensa a partir da sua Teologia da Esperança possui características que podem ser encontradas nos textos bíblicos de autoria do Apóstolo Paulo. A Pneumatologia que surge, assim, expressa em algumas concepções sobre a função e atividade do Espírito Santo uma influência paulina. Podemos dizer, portanto, que J. Moltmann têm nos textos bíblicos a base para sua reflexão sobre a participação da Terceira Pessoa da Trindade nas esperanças escatológicas.

4.3.1

O Espírito Santo como poder da ressurreição de Jesus

A Teologia da Esperança enfatizará a relação entre Espírito Santo a ressurreição de Jesus. Para J. Moltmann, é por meio do Espírito Santo e seu poder que Jesus retorna à vida, antecipando a ressurreição escatológica. A ressurreição recebe uma ênfase maior no pensamento de J. Moltmann pelo fato dela ser, para ele, o início da era escatológica. Segundo ele, “na força do Espírito que ressuscitou Cristo dos mortos, eles podem tomar sobre si, em obediência, os sofrimentos ligados ao seu surgimento, e assim esperar a glória futura, da participação da ressurreição não se fala de um tempo perfeito, mas de um tempo futuro.”³⁷ A ressurreição, portanto, é também pneumatológica pois encontra na ação do Espírito Santo a sua possibilidade. Ela é a “irrupção e promessa certa do domínio vindouro de Deus em todas as coisas, como vitória da vida de Deus sobre a morte”³⁸

³⁷ MOLTSMANN, J. **Teologia da Esperança**. São Paulo: Herder, 1971, p. 184.

³⁸ *Ibid.*, p. 233

O Espírito Santo é compreendido por meio de termos que evidenciam o poder da nova vida da ressurreição escatológica de Jesus Cristo. A vida que Ele oferece, entretanto, não pode ser compreendida da mesma forma que a existência pré-pascal. O Espírito não animada um corpo morto e faz com que ele retorne à sua antiga forma de viver. O corpo de Jesus é um corpo cheio do Espírito Santo, um corpo escatológico para uma vida escatológica. A influência dos escritos paulinos na reflexão de J. Moltmann fará com que interpreta a relação entre Escatologia e Pneumatologia a partir da teologia bíblica fomentada nos textos paulinos.³⁹

O Espírito Santo, portanto, é na linguagem utilizada por ele, o Espírito escatológico ou a vida da nova criação. Os homens que esperam no Espírito Santo conseguem experimentar a vida que por ele é doada.⁴⁰

J. Moltmann, desenvolverá com maior profundidade a relação entre Espírito Santo e ressurreição de Jesus Cristo nos textos lançados posteriormente a publicação da Teologia da Esperança. Se em sua primeira publicação existe pouca referência ao Espírito Santo como o poder de Deus para ressuscitar Jesus, em seus outros textos ele dedica maior espaço à Terceira Pessoa da Trindade e sua função na redenção do corpo de Jesus Cristo e a redenção da criação.

A ressurreição, como na encarnação, é a obra do Espírito Santo que é o Espírito da vida. Trata-se de um renascimento de Jesus a partir das forças de vida que o Espírito Santo oferece ao crucificado. J. Moltmann, ao abordar os aspectos que estão no centro da questão sobre o retorno de Jesus à vida, diferencia a ressurreição do ressuscitamento. Enquanto a primeira afirma que na ressurreição Jesus é totalmente passivo, dependendo da atuação do Pai para retornar à vida, a segunda diz respeito ao poder que residia no próprio Cristo e o faz emergir do mundo dos mortos. Surge dessa contribuição, o caráter trinitário da ressurreição de Jesus. O Deus que age em Jesus Cristo para resgatá-lo do mundo dos mortos, opera a partir do Espírito Santo que, também, acompanha Jesus em seu nascimento, ministério terreno e entrega odniente até ao ponto de morrer.⁴¹

³⁹ BAUCKHAM, R. **Theology of Jurgen Moltmann**. London: T&T Clark, 1995, p.152.

⁴⁰ MONTMANN, J. **Teologia da Esperança**. São Paulo: Herder, 1971, p. 184.

⁴¹ MOLTSMANN, J. **O Caminho de Jesus Cristo**. Cristologia em dimensões messiânicas. São Paulo: Academia cristã, 2014, pp. 370-371.

Para explicar com maior clareza a função do Espírito Santo na ressurreição e o seu desdobramento natural, J. Moltmann utilizará textos paulinos para desenvolver seu pensamento. Ele vai utilizar as metáforas naturais que Paulo usou ao fazer da ressurreição, para observar que a ressurreição de Jesus é “a ação de Deus que regenera a Cristo através da sua morte para a vida eterna.”⁴²

Para J. Moltmann, a ressurreição representa a consumação da vida de Jesus Cristo, em oposição a ideia de que a vida foi consumada em sua morte. Ao ressurgir dos mortos o Espírito Santo transforma o corpo de Jesus, elevando-o à categoria de corpo glorificado. O Novo corpo de Cristo, antecipada a promessa de Deus para todos os homens: o futuro com Deus é um futuro que a criação uma vez iniciada nas gênesis ganha alcance seu momento mais glorioso pelas forças que recriado todas a criação a partir das forças vivificantes do Espírito Santo.

Para J. Moltmann, ressurreição e o dia do Pentecostes possuem uma relação intrínseca pois nesses dois eventos apontam para o início da atuação do Espírito Santo. A história de Jesus Cristo dá lugar a história do Espírito Santo a partir da ressurreição. Segundo ele, o “Espírito da ressurreição” que atua em Cristo e, por meio dele em pessoas, é também o Espírito que leva a todas as criaturas vivas para a primavera da vida eterna.”⁴³

O Espírito enviado pelo Pai para ressuscitar Jesus, é o mesmo que pelo Filho é enviado à todas as pessoas. O derramamento do Espírito Santo, para J. Moltmann, cumpre a promessa que o profeta Joel anunciou. O Espírito seria derramado em toda carne⁴⁴, fazendo com que Deus habite em toda a sua criação.

4.3.2 O Espírito Santo e a nova criação

Como já foi indicado no segundo capítulo, J. Moltmann compreende que o Espírito Santo tem uma participação fundamental na criação como aquele que doa a vida à todas as criaturas. Além desse aspecto, também mencionamos que o

⁴² MOLTSMANN, J. **O Caminho de Jesus Cristo**. Cristologia em dimensões messiânicas. São Paulo: Academia cristã, 2014, p. 373.

⁴³ MOLTSMANN, J. **O Caminho de Jesus Cristo**. Cristologia em dimensões messiânicas. São Paulo: Academia cristã, 2014, p. 379.

⁴⁴

Espírito, como presença imanente de Deus na criação, garante que todas as coisas criadas permaneçam vivas, mesmo que tenham sido corrompidas pelo pecado. É possível, então, dizermos que ele desenvolve a função de manter a criação cheia de vida, aguardando a vinda de Deus.

Nessa seção do trabalho queremos falar da relação que o Espírito desenvolve com a criação. A missão do Espírito Santo, também, consiste em glorificar o Pai por meio de toda a criação. Ela glorificação só será possível a medida que essa criação seja totalmente transformada e renovada, tornando-se a própria habitação de Deus.

Segundo J. Moltmann, a criação não foi finalizada totalmente no sétimo dia como o relato do livro do Gênesis descreve. Conforme ele compreende, a “criação do início” é totalmente aberta a um futuro totalmente novo com Deus⁴⁵. Ele aponta que a consumação da criação se dará quando está alcançar o grande sábado, momento para o qual ela foi de fato criada. Nesse tempo, que o futuro escatológico totalmente novo e inesperado, Deus e sua criação viverão em plena comunhão, o que ele também compreende como uma grande festa, uma “dança” entre a Trindade e todo o universo.⁴⁶

O Espírito Santo é quem é o grande agente dessa renovação de todas as coisas. Quando foi derramado do alto por Deus em direção a criação abriu-se um novo tempo para o mundo criado. Ele, também é, como Espírito da Ressurreição dos mortos, força divina da “nova criação de todas as coisas e do renascimento de tudo que vive”⁴⁷. Agora todas as coisas experimentam, um pouco mais do que antes, a presença de Deus que faz brotar no coração dos homens um novo fôlego de vida no Espírito Santo.⁴⁸

A ressurreição de Jesus pôs em movimento um processo escatológico que culminará em uma relação amorosa entre Deus e sua criação. No “O Deus Crucificado” J. Moltmann já compreenderia a intenção ressurreição escatológica

⁴⁵Cf. MOLTSMANN, J. **Deus na criação**. Doutrina ecológica da criação. Petrópolis: Vozes, 1993, p. 22.

⁴⁶ Cf. MOLTSMANN, J. **Deus na criação**. Doutrina ecológica da criação. Petrópolis: Vozes, 1993, p. 23.

⁴⁷ Cf. MOLTSMANN, J. **O Espírito da Vida**. Uma Pneumatologia integral. Petrópolis: Vozes, 2010, p.97.

⁴⁸ MOLTSMANN, J. **A fonte da vida**. O Espírito Santo e a teologia da vida. São Paulo: Loyola, 2002, p.32.

como o início de uma vida totalmente nova, a “criação do fim dos tempos que começa”⁴⁹ com o renascimento de Jesus, ressuscitado, no Espírito⁵⁰ Ela comprova que as promessas de Deus que falam da superação da morte e de toda a injustiça são verdadeiras e confiáveis, e é o Espírito Santo que dá essa garantia. A criação que sofre, como uma terra seca, por meio do Espírito Santo se encherá de vida e alegria. O fim da criação, a sua consumação, na verdade corresponde à planificação do seu início, que sempre esteve aberto, aguardando, pela redenção escatológica.

Entretanto, os homens ainda não vivem nesse tempo de alegria, a história humana está situada entre início e consumação de todas as coisas. “Ao chegar o Espírito da ressurreição dos mortos e a força da nova criação de todas as coisas, todo este mundo se revela como um mundo que não encontrou Deus nem a si mesmo”⁵¹. Porém, pela habitação do Espírito Santo em toda a criação, no seu poder vivificante, ele promove vislumbres dessa alegria futura, fazendo com que todas aqueles que esperam sejam a “promessa real do seu próprio futuro”.⁵²

É por essa esperança que os homens conseguem conviver diante de grandes catástrofes e sofrimento. Uma esperança que todos os dias se renova pela atuação do Espírito Santo que concede aos homens um pouco da paz, justiça e amor que o Reino vindouro de Deus contém. Esse Espírito é um guardião constituído por Deus para guardar as suas promessas de qualquer dúvida, incertezas. O Espírito faz com que os homens, junto com Jesus, sejam herdeiros das promessas, promovendo uma esperança que não pode decepcionar com qualquer outra que já tenham experimentado.⁵³

Quando o homem experimenta o Espírito Santo ele recebe de Deus uma nova vida orientada para o futuro prometido e é selado para um novo momento, uma era de redenção plena⁵⁴. O Espírito Santo, portanto, é a “força de vida da ressurreição, que a partir da Páscoa “foi derramada sobre toda carne” a fim de

⁴⁹ MOLTSMANN, J. **O Deus crucificado**. A cruz de Cristo como base e crítica da teologia cristã. Santo André: Academia cristã, 2010, p.49.

⁵⁰ MOLTSMANN, J. **O Deus crucificado**. A cruz de Cristo como base e crítica da teologia cristã. Santo André: Academia cristã, 2010, p.49.

⁵¹ MOLTSMANN, J. O Espírito da vida. Uma Pneumatologia integral. Petrópolis: Vozes, 2010, p. 92.

⁵² MOLTSMANN, J.; BASTOS, L. **O futuro da criação**. Rio de Janeiro, MauadX, 2011, p.25.

⁵³ MOLTSMANN, J. **A fonte da vida**. O Espírito Santo e a teologia da vida. São Paulo: Loyola, 2002, p.36.

⁵⁴ MOLTSMANN, J. **A fonte da vida**. O Espírito Santo e a teologia da vida. São Paulo: Loyola, 2002, p.40.

fazer com que ela permaneça ternamente viva”⁵⁵. O evento do derramamento do Espírito Santo dá início a uma nova fase da vida dos homens, pois no Espírito que antecipa as promessas de Deus eles se percebem como criaturas regeneradas para um novo tempo.⁵⁶

4.3.3

Esperança garantida e experimentada no Espírito Santo

J. Moltmann desenvolve um conceito muito importante para a relação entre e esperança cristã e o Espírito Santo. Ainda na Teologia da Esperança, o Espírito é indicado como a garantia escatológica das promessas que Deus fez à toda criação por meio de Jesus.

As contradições e decepções que ainda permeiam o mundo causam o sentimento de insatisfação naqueles que esperam por Deus. A injustiça e a existência de sofrimento e dor contradizem com a imagem do Reino que vem em direção à humanidade para livrar todas as coisas da morte. Essa contradição surge no momento que o Espírito inicia a era escatológica, pondo na vida de todos os homens que aguardam por Deus um pouco do que vão experimentar no futuro com o Pai. O Espírito Santo confirma e incentiva as pessoas a esperarem pelo o que foi prometido, mas isso causa no coração dos homens uma insatisfação com o presente que estão vivendo.

Esse futuro prometido, e ainda distante antes da ressurreição, é inserido na história pela presença do Espírito Santo e sua experiência com toda criação. Ele é quem faz a mediação entre o que foi prometido e o que se pode sentir. Pode compreender, então, que Espírito Santo promove um adiantamento do que ainda reside no futuro em forma de promessa. É por meio dele que a Igreja consegue experimentar a comunhão eterna, ele faz com que os homens e mulheres reunidos por amor a Jesus percebam sintam, de modo incompleto, a comunhão com Deus.

As experiências com as promessas de Deus, no Espírito Santo, transformam-se em combustível para que os homens continuem caminhando em

⁵⁵ MOLTSMANN, J. **O Espírito da Vida**. Uma Pneumatologia integral. Petrópolis: Vozes, 2010, p.88.

⁵⁶ Ibid., p.88.

direção à glória futura mesmo diante de tanta contradição. Ela, também, é o um referencial para ação da Igreja no presente. É por perceberem a contradição entre o Reino de Deus e realidade histórica que elas são desafiadas a intensificarem suas ações, como Jesus, para colocarem o Reino de Deus em movimento na terra, mesmo que seja de forma incompleta.

J. Moltmann pensa o Espírito Santo como adiantamento do futuro prometido. “O Espírito Santo avaliza o que ainda está por vir. Nós próprios sentimos que o Espírito de Deus é o grande motor em direção àquele futuro, no qual a glória de Deus encherá o mundo inteiro”⁵⁷

⁵⁷ MOLTSMANN, J. **A fonte da vida**. O Espírito Santo e a teologia da vida. São Paulo: Loyola, 2002, p.41.